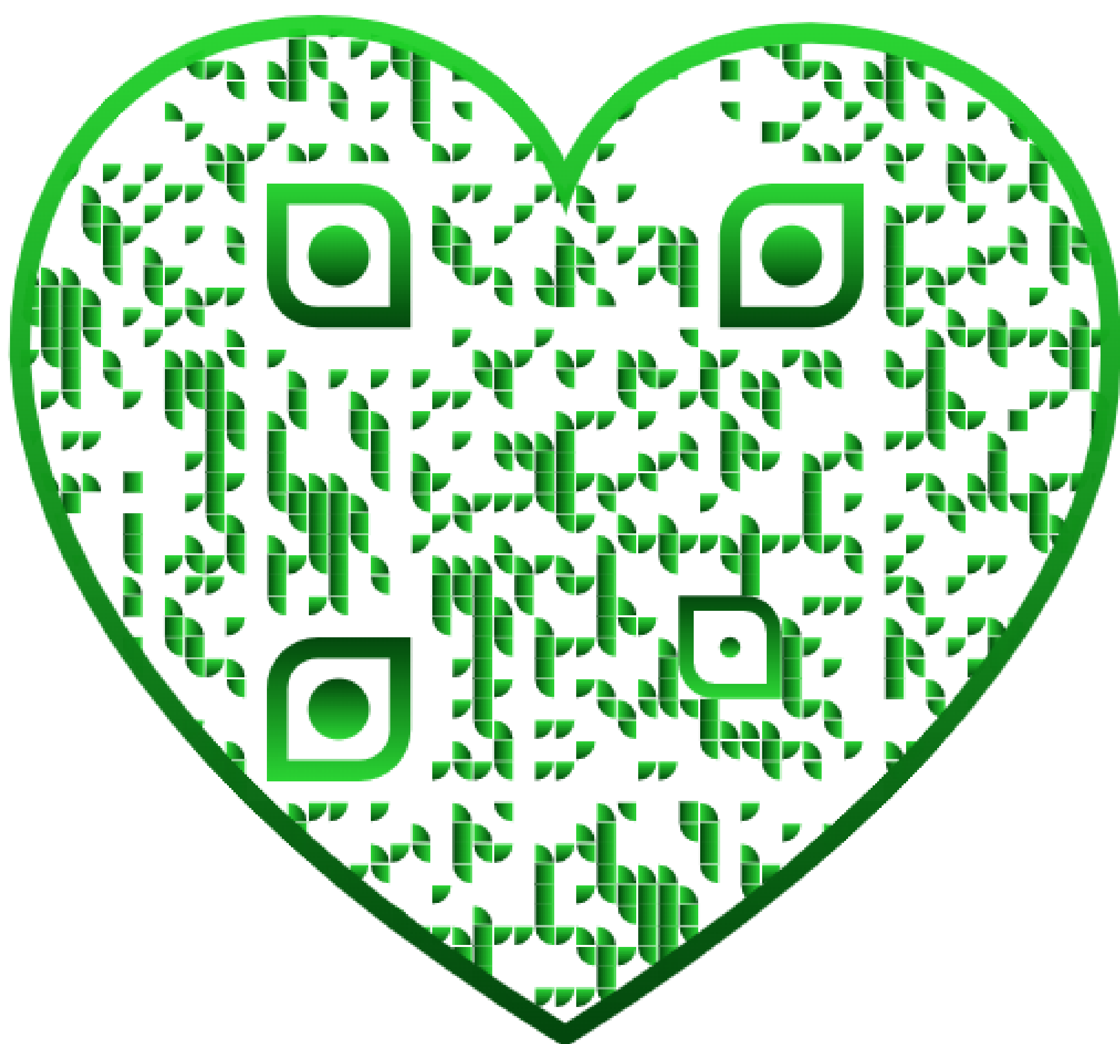
EXPRESSO ZAHAR



Um ensaio

EM MEMÓRIA DE HUGO VON HOFMANNSTHAL

Thomas Mann



Thomas Mann

Em memória de Hugo von Hofmannsthal

Um ensaio

Apresentação, revisão técnica e notas:

Johannes Kretschmer
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj)

Tradução:

Kristina Michahelles



Thomas Mann – Ensaios & Escritos

Clássicos e românticos*
Goethe, Schiller e Kleist

Discursos contra Hitler
Ouvintes alemães!

O escritor e sua missão
Goethe, Dostoiévski, Ibsen e outros

Memórias e confissões*
Escritos autobiográficos

Pensadores modernos*
Freud, Nietzsche, Wagner e Schopenhauer

Travessia marítima com Dom Quixote*
e outros ensaios

* Em preparação

Sumário

Em memória de Hugo von Hofmannsthal

Créditos

Em memória de Hugo von Hofmannsthal



Er losch auf einmal aus so wie ein Licht.
Wir trugen alle wie von einem Blitz
Den Widerschein als Blässe im Gesicht.[1]

O SEU TELEGRAMA pede algumas linhas sobre o seu, o nosso nobre falecido, uma contribuição para a cerimônia fúnebre, um necrológio. Não estou à altura de tanto. Meu coração está por demais tomado de lágrimas para que dele agora pudessem brotar palavras, os pensamentos estão por demais mergulhados e dissolvidos num sentimento infinito de vida, de morte, de destino e de amizade, impedindo-me de fazer uso deles. Neste momento, muitas canetas já se movem para homenageá-lo. Desde ontem, desde o momento em que tomei conhecimento e compreendi como fato real aquilo que, durante alguns minutos de perturbação, a própria natureza, o impulso vital se recusavam a compreender, não quero ler mais nada que não seja sobre ele, este irmão contemporâneo que agora deixou o tempo, sobre os seus últimos dias, suas últimas horas e sobre aquilo que seu filho informa a respeito do ato do outro filho e do pai.

Sublinhei no jornal as palavras ingênuas e sensatas do jovem Raimund[2] e torno a lê-las: “Meu pai pertence a uma outra época. A guerra mudou os conceitos e ele teve dificuldades em se adaptar. Provavelmente, trabalhava de uma maneira diferente do que exige a época atual. Conversou comigo sobre uma peça para Reinhardt,[3] algo no estilo do teatro de revista. Mais uma vez, ele preferiu que cada personagem brotasse de dentro dele e se completasse antes que ele os pusesse no papel. Tentei convencê-lo a considerar seu trabalho como algo corriqueiro, a criar com mais rapidez. Mas ele nem quis saber. Levava tudo imensamente a sério…” Jovem

humanidade, novo mundo. Eis aí a juventude, que se parece conosco, pois nós a pusemos no mundo, que se refere a nós com gentileza e que descobre que pertencemos a outra época. São gentis ao quererem nos convencer a sermos mais ousados, mas nós nos mostramos reticentes em aprender. O mesmo se revela agora na minha timidez e incapacidade de escrever "rapidamente" um necrológio para este morto.

"A GUERRA MUDOU OS CONCEITOS e ele teve dificuldades em se adaptar." Quando esteve comigo aqui pela última vez, faz algumas semanas, uma gripe o prendeu por alguns dias ao hotel depois de uma viagem de carro à Itália, viagem essa que o entusiasmara. Os sinais da doença eram visíveis. Ele envelhecera. A cor do rosto, acinzentada, não era das melhores. Mas ele era de uma natureza tão calorosa, tão amável e tão encantadora que a preocupação com o seu aspecto exterior sequer despertou em mim, e eu me lembrava com felicidade do nosso primeiro encontro. Foi há mais de vinte anos, quando pela primeira vez o visitei em Rodaun[4] e senti o fascínio da sua conversa no belo salão barroco, quase um cenário, de sua casa, com vista para o gramado – o lugar onde escreveu *Electra*.[5] Eu, que já estava enfeitiçado pela atmosfera de Viena, mais velha, mais suave, mais graciosa, que seduziu a mim, o alemão do Norte, o habitante de Munique, com suas tradições mais camponesas, eu fiquei ainda mais enlevado com a concentração daquela cultura na pessoa de seu poeta. Passei o dia com ele, acompanhei-o nas caminhadas pela sua paisagem, ele leu para mim trechos de rascunhos de comédias em seu gabinete de trabalho enquanto eu admirava uma estátua espirituosa de Minne.[6] Assim foi naquela primeira vez. Minha família confirma o meu encantamento naquela ocasião. Cartas que trocamos e os encontros que se repetiram praticamente todos os anos em Munique, Salzburgo e Viena desde então alimentaram um relacionamento intelectual e humano que agora se dissipou na eternidade. Terei sabido apreciar seu verdadeiro valor? Talvez, na medida em que o homem sabe apreciar a vida enquanto ela ainda reside na carne, ainda não redimida. É assaz triste e estranho como a matéria nos impede de enxergar a perspectiva da eternidade. Nossa imaginação não basta ou não se presta a nos deixar vislumbrar aquilo que é terreno à luz da morte, sendo que somente essa luz permite reconhecer o seu valor. Eu não tinha ideia do tamanho da dor que a partida de Hofmannsthal causaria em mim e nem compreendi totalmente o que foi precisamente que nos uniu e nos manteve

unidos ao longo das décadas. Precisaria hoje da sua autorização para usar a palavra “amizade”. Mas, para além de todas as diferenças do nascimento, da tradição e do sentimento de vida, eu, a quem a morte certamente tornou visionário, direi a verdade quando falo de fraternidade, de parentesco de alma. Se ao menos ambos tivéssemos sido menos “difíceis”![7]

ASSIM QUE, há pouco, na última vez – e a vida impediu qualquer noção de que aquela pudesse ser a última vez, iludindo a verdade, impedindo o sentimento e sua expressão –, estávamos sentados, conversando com nossas mulheres. Falávamos da Alemanha, de seus mestres, da relação do nosso povo com a política, do dilaceramento e do ódio penoso que esse elemento estranho, a política, levou até sua alma, da rigidez das exigências que nossa época impõe à capacidade e à vontade de aprender do alemão nos últimos quinze anos, mais ou menos desde que ambos completamos quarenta anos. Ele pedira expressamente e de antemão que falássemos desses assuntos. Não posso elogiar sua conversação para não parecer estar me gabando de ter sido um interlocutor à altura. Eu estava enfeitiçado, como sempre. Ele tinha uma maneira de compreender antes que o próprio interlocutor compreendesse, de aperfeiçoar e dar sequência a coisas que capturava no ar, fazendo com que a conversação transcorresse com leveza onírica e jocosamente inteligente. Por trás dos aspectos concretos e psicológicos que a conversa abordava, ponderava, tangenciava de leve, subitamente surgiam vivências pessoais, ainda que fossem experiências compartilhadas coletivamente com outras pessoas – o destino de toda uma geração cuja formação intelectual se completou antes da guerra, a nossa geração, que tinha quarenta anos quando a guerra eclodiu. Atrás de tudo isso, tacitamente, a lembrança da severidade das provas que ao longo de quinze anos foram impostas aos corações e às mentes – do ponto de vista físico – de cada indivíduo. Alguns, de constituição mais fraca, que poderiam ter vivido mais confortavelmente, sucumbiram a essas demandas. Fomos observando, entre as pessoas próximas ou mais distantes, o emagrecimento dos corpos, a cor cinzenta e esclerótica tomando conta dos rostos; vimos o fracasso consternado de pessoas que mal tinham consciência do que estava acontecendo com elas, que não estavam em condições de acompanhar o ritmo da vida e ficavam pelo meio do caminho. E agora chega a vez desse cérebro de refinamento vasto e sensível, esse ser precioso, a quem de repente faltam o mundo, o cosmo, a ordem, “a monarquia”, assediado pelo

tumulto dos tempos, pela modernidade negra [*negerhaft*][8] e jovem, que indubitavelmente é vida, com todos os direitos que cabem à vida e com a qual temos que lidar, conscientes, é claro, de haver sobrevivido a nós mesmos e à nossa época. *A torre*, seu poema mais sofrido e caótico, que ele amava como se fosse seu próprio destino, é o monumento do embate de Hofmannsthal com o novo, com a revolução, com a juventude. A seu lado, no entanto, sua carne e seu sangue, a juventude, aquela juventude não conseguiu se afirmar – cultura austríaca excessivamente nervosa, incapaz de enfrentar a batida do tempo. Ele tem culpa? "Deus do céu", nós o escutamos perguntar, "talvez eu nem devesse ter sido pai, nem devesse ter tido filhos?" E enquanto o "velho", que "tem dificuldades de se adaptar", cumpre seu dever intelectual com beleza e dignidade heroicas, a seu lado a juventude desconsolada mete uma bala na cabeça. Então, o vaso sanguíneo enrijecido se rompe no precioso cérebro e, sem palavras, com melancolia e desespero, o pai, o maravilhoso poeta, sucumbe.[9]

Lágrimas – lágrimas.

ELE AMAVA A IDEIA DA MORTE ao lado da ideia da beleza, da nobreza – e nisso era muito austríaco. A morte está presente em toda a sua escrita, mesmo a mais alegre, e o jovem, o príncipe do espírito, já a chamou em versos "um grande deus da alma".[10] Cada volteio melódico e gracioso de sua prosa, de seu diálogo, de sua poesia está embebido em beleza mortal. Sim, a morte é beleza e melodia, enquanto está perto da juventude, da seiva vital. Quando esta se afasta, a morte permanece em toda a sua verdade, é terrível, um naufrágio sem palavras, um precipício de amargura.

Mas não, esta não é a última verdade da morte. No instante seguinte ela se torna transfiguração, purificação de tudo o que é terreno, reconstituição.

"O eternizado": esta despedida, como nunca antes, faz com que compreendamos a expressão. Li que, deitado no sofá de seu gabinete de trabalho, seu rosto parecia pacificado e rejuvenescido. Por que isso me abalou tão profundamente, esse adjetivo "rejuvenescido"? Nos últimos anos, ele costumava dizer: "Eu deveria ter morrido depois de *O aventureiro e a cantora*.[11] A minha biografia teria ficado redonda." Ele dizia isso para expressar o que imaginava ver flutuando, hesitante, na boca das pessoas. Ele não podia acreditar naquilo, não podia negar sua vida, pois que vivia. E quem ousaria concordar? Quem ousaria desejar que esse jovem jamais devesse ter-se tornado adulto e envelhecido e que não existissem os ensaios

e as palestras repletas de sabedoria mágica, as comédias e óperas cheias de magia sábia, um mundo de forma e beleza? Mesmo assim, se tivesse morrido depois dos poemas e das primeiras peças líricas, ele teria sido um deus, incensando eterna nostalgia e eterna esperança, levando até as estrelas aquela imagem de um jovem de graça eterna.

Ele permaneceu entre nós, viveu, lutou, envelheceu e tocou de tempos em tempos o que há de mais elevado, formando, com a riqueza de conhecimentos de seu espírito sublime, os tesouros que nos legou. Agora ele morreu, e se, pelo que dizem, a morte rejuvenesceu esse rosto envelhecido, ele nos aparece como senhor da verdade e salvador. Eternidade – rejuvenescimento. Jovem outra vez, em graça eterna, Hugo von Hofmannsthal ingressa no reino dos imortais.

---

[1] “De repente, ele se apagou, como uma luz./ E todos nós, como se atingidos por um raio,/ Portamos no rosto o reflexo, feito palidez.” Primeiros versos do poema “Zum Gedächtnis des Schauspielers Mitterwurzer“ (“À memória do ator Mitterwurzer”), de Hugo von Hofmannsthal.

[2] No jornal *Wiener Zeitung* de [17] de julho de 1929, Raimund von Hofmannsthal publicou um texto sobre os últimos dias e a morte do pai.

[3] O diretor de teatro Max Reinhardt. Junto com ele, Hofmannsthal fundou o Festival de Salzburgo, até hoje um dos pontos altos da vida cultural internacional.

[4] Antes um município autônomo, hoje um bairro no sudoeste de Viena. Na época de Hofmannsthal, outras personalidades famosas moraram lá.

[5] Libreto que Hofmannsthal escreveu para a ópera em um ato de Richard Strauss sobre o personagem dos três grandes dramaturgos da Antiguidade, Ésquilo, Sófocles e Eurípides. Estreou a 25 de janeiro de 1909 em Dresden e marcou o início da colaboração entre o compositor e Hofmannsthal até a morte deste último, em 1929.

[6] George Minne (1866-1941), escultor belga.

[7] Alusão a *Der Schwierige (O difícil)*, comédia escrita por Hofmannsthal em 1920, e também uma autoironia de Thomas Mann, que foi chamado de “alemão difícil”.

[8] *Negerhaft*: expressão que lembra Freud (o inconsciente como a “África interior”) e era geralmente associada ao outro, desconhecido, estranho ou estrangeiro. Outro escritor alemão, Hermann Hesse, falava de “jogos negros da imaginação (“*die negerhaften Spiele der Phantasie”*) que levariam ao “país desconhecido do próprio interior, do verdadeiro interior” (“*das fremde Land seines wahren Innern”*). Cf. H. Hesse, *Klein und Wagner*, in *Meistererzählungen*, org. e posfácio Volker Michels. Gütersloh, Bertelsmann, s/d.

[9] Com apenas 26 anos de idade, Franz, um dos filhos de Hofmannsthal, cometeu suicídio, no dia 13 de julho de 1929, após infrutíferas tentativas de conseguir emprego e de ter de voltar para a casa dos pais. Dois dias depois do suicídio, quando partiria para o enterro do filho, Hofmannsthal morreu de um acidente vascular cerebral.

[10] Trata-se de Claudio, herói da peça *Der Tor und der Tod* (*O tolo e a morte*, 1893), de Hofmannsthal.

[11] Peça em versos de Hugo von Hofmannsthal, descrito por ele como “poema em dois atos” e incluído na coletânea *Theater in Versen* (em 1899, quando Hofmannsthal tinha 25 anos). Baseado nas memórias de Casanova, representado pelo barão Weidenstamm, é ambientado em Veneza, em meados do século XVIII.

Créditos

~ ***Fonte do texto***

Em memória de Hugo von Hofmannsthal
"*In memoriam* Hugo Von Hofmannsthal", in *Thomas Mann – Gesammelte Werke*, vol.X, Frankfurt, Fischer, 1974 [1929], p.453-8.

~ A editora agradece a colaboração de Samuel Titan na seleção final deste texto.

~ ***Nota da Tradutora***

O leitor encontrará um depoimento mais elaborado a respeito desse trabalho de tradução no site da editora – www.zahar.com.br. Aqui cabe dizer que foi um desafio enorme e que as imperfeições são inevitáveis. Puderam ser contornadas aqui e acolá através de estratégias compensatórias, resgatando-se uma aliteração quando não se pode salvar uma rima e assim por diante. No balanço dos ganhos e das perdas, temos certeza de que o leitor brasileiro sentirá o resultado de um imenso rigor e de muita paciência. Meus agradecimentos especiais a Samuel Titan e Johannes Kretschmer, parceiros nessa empreitada, à editora Zahar, que resgata um projeto guardado há décadas na gaveta de Jorge, seu fundador, e ao mestre Berthold Zilly, que com seu enorme saber e grande experiência ajudou a destrinchar muitas das ciladas que Thomas Mann nos legou.

Kristina Michahelles

Este texto foi extraído do livro *O escritor e sua missão*

Tradução autorizada de uma seleção de textos de Thomas Mann
(ver os créditos completos às páginas 207-8.)

Copyright © 1960, 1974, S. Fischer Verlag GmbH, Frankfurt am Main

Copyright da edição brasileira © 2012:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua Marquês de São Vicente 99 1º andar | 22451-041 Rio de Janeiro, RJ
tel (21) 2529-4750 | fax (21) 2529-4787
editora@zahar.com.br | www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

A tradução desta obra contou com subsídios do Goethe-Institut, apoiado pelo Ministério das Relações Exteriores alemão.



Grafia atualizada respeitando o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Revisão da tradução: Samuel Titan (Universidade de São Paulo, USP)
Revisão tipográfica: Clara Diament, Tamara Sender

Edição digital: março 2012

ISBN: 978-85-378-1369-0

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**
